

# Representação menor

**O GLÓRIO**  
No CONGRESSO, gente experiente e operosa como um Nelson Jobim fala em ir para casa, desiludida com os resultados conseguidos em batalhas críticas como a da revisão constitucional.

**SERÁ** uma pena se isso acontecer. As eleições deste ano prometem um índice expressivo de renovação do Congresso. Mas se, ao lado dos novos, não estiverem os veteranos e os competentes, o resultado pode ser mais uma vez decepcionante. E se os melhores desistem da luta antes da hora, o que pensará a geração que está vindo aí? Que só se deve ir para o Congresso com a garantia de sucessos ou vantagens? E o eleitorado, depois dessa demonstração de desânimo, terá ainda estímulo para decidir que um bom Congresso é tão importante quanto um bom presidente?

**O RELÓGIO** da política é, muitas vezes, aleatório e cruel: recusa-se a bater a hora certa. Um caso típico é o do Winston Churchill de antes da Segunda Guerra Mundial, quando ele falava obsessivamente na necessidade de melhorar as defesas da Inglaterra. Houve um autor, hoje es-

quecido, que escreveu um livro inteiro para explicar por que a carreira de Churchill era um completo fracasso. Se o jovem Winston tivesse aceito esse veredicto, a História podia ter sido bem diferente.

No Brasil, o relógio pessoal do Tiradentes não estava muito afinado com os tempos, no sentido do realismo político. Ele pagou com a vida a causa da independência abraçada antes da hora. Por causa disso, diremos que ele foi um fracasso?

**PENSAR** com desânimo sobre o Congresso é perder a noção do que significa o mecanismo da representação. Luís Inácio Lula da Silva poderia ser, hoje, um político mais experiente e de idéias mais nítidas se tivesse aproveitado a oportunidade, ao seu alcance, de frequentar o Congresso de 1990 a 1994. Talvez confirmasse, por experiência pessoal, que um número preocupante de "picaretas" infestava a representação parlamentar. Mas pelo menos estaria sabendo, agora, o que significa a função representativa.

**APARENTEMENTE** virgem no assunto, ele acaba de sugerir,

em plena campanha eleitoral, que, se for eleito, os trabalhadores terão participação direta no Governo.

**O QUE** significa isso? Que comitês escolhidos pelas fábricas farão rodízio nos corredores dos ministérios e na antesala do presidente, propondo e discutindo medidas de governo?

**SERIA** um método custoso e confuso, algo nunca experimentado na História. O que há de mais parecido com isso é a idéia da representação classista, tão cara ao Estado Novo, e de inspiração fascista.

**O PROBLEMA** desses comitês classistas é ficarem em posição subalterna face ao Executivo. A sua dose de representatividade é infinitamente menor que a dos eleitos em eleições gerais. E, por isso, essas pírias representações não têm estatura para dialogar de igual para igual com um outro poder da República.

**ASSIM** se chega ao Estado monolítico, mais pobre politicamente, menos eficiente, mais sujeito à corrupção e ao arbítrio.